

conhecimento das chaves e motivações que estão subjacentes na prosa deste escritor hermético e impenetrável. Oxalá a curiosidade pela vida e pelo ser humano que aqui se revelam movam o leitor para o conhecimento da sua obra. Uma prosa – por vezes, os tópicos aproximam-nos da verdade – de uma beleza estremecedora e de uma profundidade insondável.

Maria Luísa Blanco  
Setembro 2001

1  
«PORQUE SE ESCRIVE? PERGUNTA A UMA  
MACIEIRA PORQUE DÁ MAÇÃS.»

A infância. O bairro de Benfica. A opção da escrita. Obras completas de António Lobo Antunes. A descoberta da linguagem. Os avós, os pais, os irmãos. O avô António.

Se o primeiro olhar sobre as coisas configura a visão do mundo, a infância é sem dúvida o território onde se gera essa cosmovisão. Em toda a obra de Lobo Antunes, nos seu livros, nas suas crónicas, encontram-se, como fogachos, essas primeiras impressões vitais que marcam a singular estética do escritor. As suas obsessões, os seus desvelos, a sua obstinação em se dedicar ao ofício de escrever nasceram nessa casa do bairro lisboeta de Benfica. Um bairro em que a sua família viveu toda a vida e cuja casa, onde ainda continuam a viver os seus pais, actualmente nem parece tão grande como a sua memória evoca, nem já restam vestígios daquelas moradias que nos anos cinquenta serviam de lugar de veraneio às abastadas famílias lisboetas. O bairro é hoje um bairro operário, no qual a casa dos pais de António, com um jardim praticamente abandonado, é como um vestígio melancólico do que deve ter sido noutros tempos. Também nasceram nessa casa, inculcados pelos seus pais João e Margarida, o amor do escritor pelos livros e a sua grande sensibilidade para a arte e para a música. A sua educação foi, seguramente, excessivamente austera e a disciplina demasiado férrea. O escritor lamentou reiteradamente a falta de carícias e atenções por parte dos pais: mas, embora Lobo Antunes cen-

sure hoje aos seus progenitores a ausência de «calorias de ternura» que eles não souberam dar-lhe, muitos concordariam em afirmar que, de qualquer modo, não foi escasso o seu legado.

– Que recordações tem da sua infância?

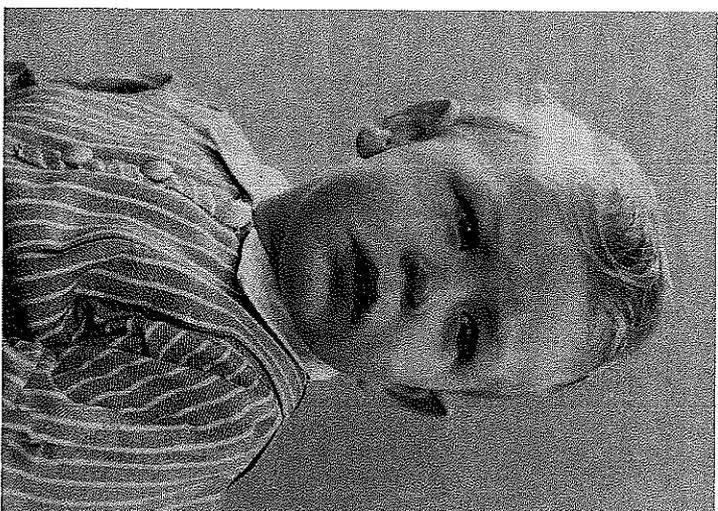
– Uma das minhas recordações mais nítidas é o dia em que decidi que ia ser escritor.

Foi no dia 24 de Dezembro, tinha sete anos, ia num táxi e, de repente, tive como que uma revelação: «Vou ser escritor», pensei. E quando cheguei a casa, mal cheguei, pus-me imediatamente a escrever. E foi assim, exactamente como lhe conto.

Esse foi o momento da tomada de consciência, o momento em que pensei que o meu desejo podia converter-se num projecto de vida, mas antes disso eu já escrevia há algum tempo. Comecei muito, muito cedo, com quatro ou cinco anos. A minha mãe diz que, desde sempre, se recorda de mim a escrever, não a brincar ou a fazer desporto, só a escrever, porque era ao que dedicava todo o meu tempo.

Não sei o que escrevia, mas lembro-me de que fazia jornais que vendia a seguir. Jornais que eu próprio ilustrava, porque gostava muito de desenhar. Fazia o número um e toda a família pagava para o ler. Suponho que seria algo ingénuo e infantil. Também fazia banda desenhada.

O meu pai conserva uns cadernos meus, nos quais, sob o título «Obras completas de António Lobo Antunes, novelas, contos, narrativas, ensaios...» eu enumerava obras até ao ano 2000, com títulos e tudo. Aos treze anos, tinha já umas obras completas muito consideráveis e mostrei-as à minha mãe todo orgulhoso. Como boa mãe, animou-me muito, disse-me: «Isto não vale nada, estuda e faz-te médico, porque como escritor não vais chegar a nada.»



António Lobo Antunes com um ano de idade.

Por outro lado, eu lia muito. Lia tudo. A casa onde vivíamos era uma casa muito grande e a minha vida era uma vida muito solitária. Lia, escrevia. Na biblioteca da família tinha livros permitidos e livros que era proibido ler e que eram fechados à chave. Também frequentava a biblioteca do liceu. Recordo-me que ali, depois da escola primária, sempre que o professor faltava, a minha única diversão era ir para a biblioteca. Foi no liceu que comecei a ler os escritores portugueses do século XIX. Mas nessa época, mais que romance, o que realmente queria era escrever poesia. Aos carorze ou quinze anos tinha uma coleção de poemas.

O meu mundo eram os livros. Encontrava-os em casa dos meus avós, na casa dos meus pais, no liceu... Penso que à pergunta de porque se escreve cada um pode dar quinze ou vinte respostas verdadeiras, embora, seguramente, nenhuma sincera, porque a realidade é que não se sabe porque. É como se perguntássemos a uma macleira porque dá maçãs. Desconhecemos a razão profunda por que escrevemos; o que sabemos é que a escrita é uma necessidade.

Se um dia não escrevo, sinto-me como se me tivesse vestido sem ter tomado banho. Se não escrevo, invade-me uma sensação de ausência e de vazio profundo. Se não escrevo, assalta-me um sentimento de enorme culpabilidade que nunca deixei de sentir.

O meu ritmo é infernal, trabalho doze horas por dia. Quando viajo para apresentar um livro e tenho de fazer entrevistas e tudo o que implica a sua promoção, recupero o tempo perdido durante a noite e escrevo até às duas ou às quatro da madrugada. É-me indiferente estar na Alemanha, na Áustria ou em Espanha ou que me levante muito cedo ou estar cansado, eu tenho de escrever todos os dias, preciso disso para não me sentir culpado.

– Recorda alguma influência determinante que o pusesse no caminho da literatura?

– Não, não houve nenhuma influência concreta. Na minha família ninguém escrevia, ninguém. Havia pessoas que gostavam de livros e lhes davam importância, mas não escreviam. E, naturalmente, a literatura não era possível. Quando, com doze ou treze anos, disse aos meus pais que queria ser escritor, ficaram alarmados, porque isso não era um modo de vida. Pensavam realmente que esse era o caminho para morrer de fome: «Escrever um livro é muito difícil – diziam-me –, há muita gente que escreve, mas são muito poucos os livros bons, muito poucos os escritores que chegam a alguma coisa; será melhor que te dediques a outra coisa...».

Por outro lado, nem sequer os professores levavam ao caminho da escrita. A sua forma de explicar e de ensinar não tornavam a literatura propriamente interessante e os livros de leitura obrigatória eram muito aborrecidos porque não os recomendavam de forma estimulante.

– Para si, a escrita é mais a busca de uma linguagem, da perfeição da língua e da palavra, que o relato de uma história. Quando compreendeu que isto era assim?

– Muito cedo, aos quinze anos, começou a interessar-me a linguagem. Aos doze ou aos treze, comecei com as leituras de Salgari, de Júlio Verne... leituras divertidas e apaixonantes, mas um pouco mais tarde vieram as surpresas: o meu imenso assombro pelo que se podia fazer com as palavras.

Procurava escrever relatos muito simples. Neles os protagonistas eram pilotos de automóveis, lutadores de boxe, ou coisas do estilo. Quando comecei a ler os poetas foi quando

realmente começou a minha inquietação – inquietação literária.

Com a poesia compreendia o autêntico valor da palavra. Para um rapaz era mais fácil descobrir esse valor nos poemas que na prosa. Até esse momento gostava dos livros heróicos, os de aventuras, as histórias sentimentais... encantavam-me autores como Blasco Ibañez... Mas o sentimento da importância do texto, a preocupação com as palavras, compreender que o importante era a maneira de escrever e não a história que se contava, isso chegou mais tarde, a mim, concretamente, chegou-me muito, muito tarde.

No entanto, não parava de escrever, escrevia muito. Tinha vinte anos e já estava a escrever um romance a que dediquei mais de dez anos. O problema é que nunca ficava contente e acabava por deixá-lo de lado. A mulher de um dos meus irmãos dizia: nunca vais publicar nada, porque abandonas sempre o que escreves, acabas por desprezar tudo...». E era verdade, nunca estava contente com os resultados, nunca me sentia satisfeito com a minha escrita. Ouvia muitas vozes alheias.

Aos quinze anos descobri-se que há uma diferença entre boa e má escrita, aí começa o teu desassossego, mas entre os vinte e os vinte cinco compreendes a diferença entre a boa escrita e a obra de arte, aí a angústia é completa e nunca mais pára. É sempre o mesmo, nunca se está seguro do trabalho, nunca se sabe se se é bom ou não.

Creio que Dumas tinha razão quando dizia dos seus livros que a intriga era o prego onde se pendura o quadro. No entanto, penso que estamos perante um problema realmente muito complexo: o escritor trabalha com a linguagem e esta é, naturalmente, o mais importante, mas há que estruturar essa linguagem, ela tem de estar ao serviço do que se quer contar.

Ontem estava a ler o *Ulysses* de Joyce e considero que a novela é fantástica do ponto de vista da sua riqueza verbal, mas, ao mesmo tempo, aborrecia-me um pouco porque não percebia ao serviço de quê está esse extraordinário alarde verbal. A pirueta pela pirueta, o mostruário fantástico de uma imensa capacidade de invenção verbal, fica um pouco no vazio, porque não ajuda a história no sentido da eficácia narrativa.

Por um lado, é importante dominar a linguagem, as palavras, mas a mim inquietar-me-ia muito ficar só nisso porque, no final, percebe-se que não é isso o importante.

O importante é que o livro se faça sozinho, que tenha existência própria e que valha por si mesmo, e não que alguém o tenha feito. Com Joyce, estamos sempre a sentir a sua habilidade, a sua perícia como escritor é-nos imposta e estamos todo o tempo a notar que é ele, o próprio Joyce, que está por detrás de tudo. Isso recorda-me quando falo com alguns franceses. Tenho sempre a impressão de que me estão a dizer: «Olha como sou inteligente.»

Não és tu que tens de ser inteligente; é o livro que tem de o ser.

– Quer dizer que o autor não deve desaparecer no livro, que este deve ter vida própria e funcionar com independência em relação ao seu autor?

– Sim, sim. Não é o autor quem tem de mostrar a sua capacidade técnica, as suas habilidades ou os seus desafios e dificuldades. No livro que é bom, o autor não está, não se nota. Quando estamos a ler e como leitores sentimos que o autor nos está a dizer: «Olha, olha como eu faço, olha como é difícil resolver isto e como eu o resolvo bem...» Não só o livro não funciona, como creio que se cai num problema de mau gosto. Esses livros não podem ser bons.

O autor não deve ser protagonista do seu livro porque o leitor não tem de notar que o escritor está ali, este tem de se tornar invisível. Nesse sentido, estou de acordo com Faulkner, que era um homem muito modesto e dizia: «Deveria ter publicado os meus livros anonimamente, porque o importante são eles, os meus livros, não eu...». Isso é que é realmente fantástico, que os livros tenham vida por si mesmos, independentemente de quem os tenha escrito.

Há um trecho que diz algo deste género: que é necessário que o escritor sofra para que o leitor tenha prazer e creio que está bem certo. Podemos passar horas à volta de uma frase, que depois o leitor lerá num segundo, mas ele não tem de saber toda a tortura que a precedeu, toda a caurela que se teve na colocação das palavras, o leitor não pode notar isso.

Ao escritor custa muito trabalho encontrar o lugar de cada palavra, mas cada palavra tem o seu lugar e se não a situamos no sítio adequado, a frase será uma frase falida. Mas o leitor tem de a ler como se esta frase tivesse sido construída da forma mais natural do mundo, não tem de notar o trabalho do escritor. Cito isto frequentemente, era Pushkin que dizia que, quando utilizava a palavra *carne*, chegava a sentir o gosto da carne na boca. A palavra *carne* é sempre a mesma, mas depende de onde é colocada para conseguir que saiba a carne, para conseguir a sua eficácia.

– Definiria a eficácia de um texto literário em função da capacidade que tem para emocionar?

– A eficácia radica sobretudo em não ceder à tentação de uma bela metáfora. Uma bela imagem, uma brilhante pirtueta verbal podem prejudicar o romance.

Não devemos esquecer que um romance é algo muito difícil de ler, são muitas, muitas páginas, e temos de conseguir apanhar o

leitor sem descanso, não o deixar escapar. O romance tem de ser implacável e temos de conseguir, como se consegue com a música, que o leitor nos siga, nos acompanhe página a página, puxar por ele como o toureiro puxa pelo touro. Utilizo esta metáfora porque escrevi um romance, que ainda não foi traduzido em Espanha, no qual há quase um capítulo inteiro dedicado a Curro Romero. É um homem que me fascina e creio que a sua arte é maravilhosa, mas também se sente, se vê o seu medo, e é terrível um toureiro com medo.

– Voltamos ao seu tempo de rapaz. Como decorreu a sua infância?

– Vivi em Benfica, um bairro da periferia, a oeste da cidade. Naquels tempos, quando as pessoas do bairro se deslocavam para o centro da cidade, diziam: «Vou a Lisboa.» Era um bairro de gente pobre e humilde, embora também houvesse famílias com dinheiro. Havia gente que se deslocava de Lisboa a Benfica para passar ali o Verão. Agora converteu-se num imenso bairro-dormitório.

Nós tínhamos uma casa muito grande com um jardim muito grande... E, lá fora, estavam os pobres. Lembro-me de que as minhas avós passavam no bairro como castelãs.

– Qual era a sua vida então?

– O colégio não teve em mim qualquer influência e as famílias do meu pai e da minha mãe eram famílias muito grandes e muito diferentes entre si. Havia quem se interessasse pela literatura, outros pela música ou pela pintura; mas ninguém escrevia. Os meus irmãos também não escreviam, nem então nem agora, e embora eu o fizesse, não era com intenção de publicar, nunca pensei em publicar.

Escrevia umas coisinhas: poesia, ensaio, novela, narrativa, que depois incluía nas minhas «Obras completas», coisas que eram muito más e depois destruí-a-s; queimava-as no jardim. Os resultados eram tão pobresinhos, tão esquilidos, que ficava muito triste. Pensava sempre: «Será que nunca irei fazer algo de bom!» Ainda hoje penso assim.

Agora estou contente, há livros com os quais fiquei satisfeito, embora pense sempre que poderia tê-lo feito melhor. Quanto mais avanço, mais problemas tenho e mais difícil e lento é o meu trabalho, porque cada vez corrijo mais e mais aumentam as minhas dúvidas.

Por outro lado, não creio que as minhas dúvidas sejam tão artísticas. Quando leio os escritos não literários dos autores de que gosto – as suas cartas, notas ou documentos –, encontro sempre nas suas reflexões uma insegurança muito grande. E pergunto-me: «Porquê essa insegurança se o seu trabalho é tão bom? Porque duvidam tanto?» Creio que a insegurança e a dúvida são muito frequentes entre os escritores, não creio que eu seja uma exceção.

O meu amigo Tom Colchie, que não é só o meu agente literário, mas também o meu crítico mais duro e exigente, telefonava-me todas as semanas e perguntava-me: «Como vai o romance?». E eu respondendo-lhe sempre: «Muito mal; uma merda.» E ele: «Ah, bom; então fico tranquilo...».

– Falávamos dos seus anos de adolescente. Cresceu num ambiente aristocrático e privilegiado. Como eram os seus pais, como eram as suas relações com os seus irmãos?

– Creio que os meus pais são pessoas excepcionais e os seus seis filhos também são. Eu sou o mais velho, o meu irmão João é neurocirurgião e aos trinta anos já era presidente da Associação

Mundial de Neurocirurgia. Pedro é arquiteto, Miguel dirige o Centro Cultural de Belém. Nuno é médico e vive em Nova Iorque e Manuel é do corpo diplomático.

Todos devemos muito aos nossos pais, porque nos educaram numa grande austeridade. O meu pai nunca nos dizia que alguma coisa estava mal, mas apenas: «Isso é estúpido.» Davanos uma grande independência e sentido da responsabilidade. Aos catorze anos dava-nos a chave de casa, não nos fazia perguntas e só nos recomendava: «Não faças nada de que venhas a arrepende-te.»

O meu pai é médico, neuropatologista. Trabalhou muito tempo na Alemanha e na Bélgica, é um grande admirador de Ramón y Cajal e tem um grande amor pelos livros.

Aos doze anos dava-nos a ler Oscar Wilde, Flaubert... Durante as férias tínhamos de ler um capítulo de *Madame Bovary*, e depois obrigava-nos a fazer um resumo ou a ouvir uma sinfonia e discutí-la com ele e compará-la. Ao princípio era terrivelmente aborrecido, era uma obrigação pesadíssima, mas depois essa disciplina é muito útil, no momento em que desperta a sensibilidade.

Eu escrevia então uns poemas muito maus e ele levava-os para o hospital e lia-os aos pobres médicos... No entanto, a mim nunca me dizia se eram bons ou maus. Nem agora falo com o meu pai dos meus livros. Nunca falei com ele dos meus romances nem sobre o meu trabalho como escritor. Ele nunca me disse se gosta deles ou não. Só sobre *A Ordem Natural das Coisas*, onde conto a morte da sua irmã, que eu adorava, me fez um único comentário: «Não compreendi este livro.»

Fomos educados numa grande austeridade, se queríamos dinheiro tínhamos de trabalhar. João fazia programas infantis para a televisão e eu dava umas explicações. O meu pai pensava que era essa a forma de conhecer o valor do dinheiro e que era

importante que o aprendêssemos. De facto, eu tenho uma relação muito estranha com o dinheiro, creio que influenciada por essa educação.

Na última vez que visitei o meu pai, o homem que trabalha no jardim da casa quis beijar-me a mão, como se estivéssemos num regime feudal.

Crescemos rodeados de livros e de quadros. O meu pai tem duas paixões pictóricas: Velázquez e Vermeer, no entanto, é muito crítico com Goya. Aos dezasseis anos deu-me a primeira edição de Céline e, durante o Verão, obrigava-nos a copiar quadros de Gauguin. Ao princípio era horrível, mas pouco a pouco íamos gostando.

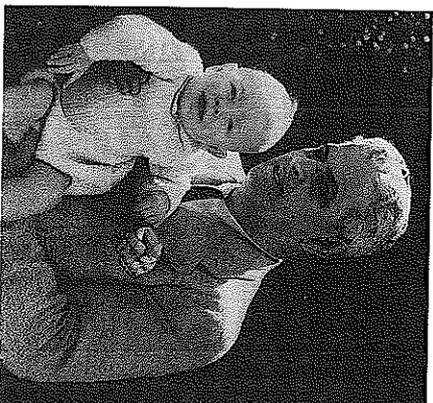
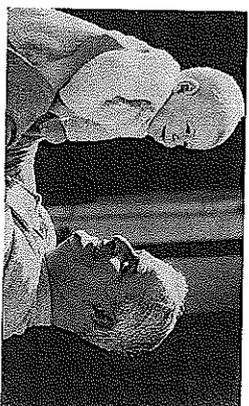
Penso que o meu pai nos obrigava a tudo isso por reacção contra o meu avô, que era um monárquico conservador que não gostava nada de livros.

– O seu avô António é, na realidade, a sua grande referência.

– Sim, naturalmente. O meu avô foi muito mais importante para mim que o meu pai. Com ele nunca tive um sentimento competitivo. Foi ele que me levou por toda a Europa... aos sete anos!, e essa é uma experiência irrepetível para uma criança.

Estava sempre com ele. Sempre, sempre. Não encontrei a sua ternura e a sua generosidade noutros homens. Era um homem raro, que possuía a extraordinária qualidade de fazer-me sentir único. Quando me olhava, sentia que era a única pessoa que existia. Dizia-me: «De mim, tens apenas o nome», porque ele era moreno, era grande, era muito forte e extrovertido.

A sua casa estava sempre cheia de gente. Aos sábados todos os filhos iam comer com ele. Dava muitas festas, muitos jantares em casa. Eu, obviamente, não sou assim, ele tinha razão, sou



Com o avô António.

precisamente o contrário dele, mas eu adorava-o. Era o seu neto mais velho, o herdeiro do seu nome e tudo isso... quando eu tinha treze anos, um dia chamou-me e perguntou-me muito inquieto se eu era maricas... Só porque escrevia.

- Quantos filhos tinha?

- Dois filhos: o meu pai e o irmão, que morreu muito jovem, com um ou dois anos, não sei, e quatro filhas. Uma, que era a minha segunda mãe e que eu adorava, também morreu. Falo dela em *A Ordem Natural das Coisas*.

Era uma mulher que passava muito tempo a ler, o meu irmão dizia que era a mulher que mais gostava de ler no mundo. Era professora de música. Fisicamente parecia-se muito com o meu avô, e eu, sempre que tinha um problema, era com ela que falava; até à sua morte.

Era uma pessoa muito disponível, chamava por ela e tinha sempre tempo para mim. Tinha a sua própria filha, mas não fazia distinções entre nós, pelo menos eu sentia-o assim. Era uma pessoa maravilhosa.

Mas na minha infância também houve outras pessoas maravilhosas, como por exemplo a mãe da minha mãe, que era filha de um general e nos contava a vida e as aventuras do pai, um homem que vinha de um meio muito pobre e que foi feito «Sir» pela rainha Vitória. Era filho de um pai mais ou menos analfabeto que trabalhava no Sul. E o pai do pai notou no rapaz algo de especial. Começou assim a sua vida. Acabou como um grande senhor, embora a sua origem fosse muito humilde...

Mas, sem dúvida, apesar destas pessoas maravilhosas que presidem à minha infância, a figura cardeal da minha vida foi o pai do meu pai, o meu avô António.

- E do seu pai, que recordações afectivas conserva dele?

- É muito difícil para mim falar dessas recordações, são muito difíceis de descrever. O meu pai é um homem de um profundo egoísmo. Não me lembro de ter recebido a sua ternura, nunca. Nem a da minha mãe. Com eles a relação sempre foi muito complicada.

São sem dúvida pessoas muito valiosas. A minha mãe é das poucas mulheres que conheço que leu Proust, é uma mulher culta, possui critério e, além disso, é muito crítica. Tem muitas qualidades, mas não me lembro de alguma vez me ter beijado.

Também nunca vi o meu pai a beijar a minha mãe. Nunca o vi tocá-la, mas o meu pai regressava da Alemanha e ao fim de pouco tempo a minha mãe já estava grávida. Tive seis filhos e para mim foi sempre um grande mistério.

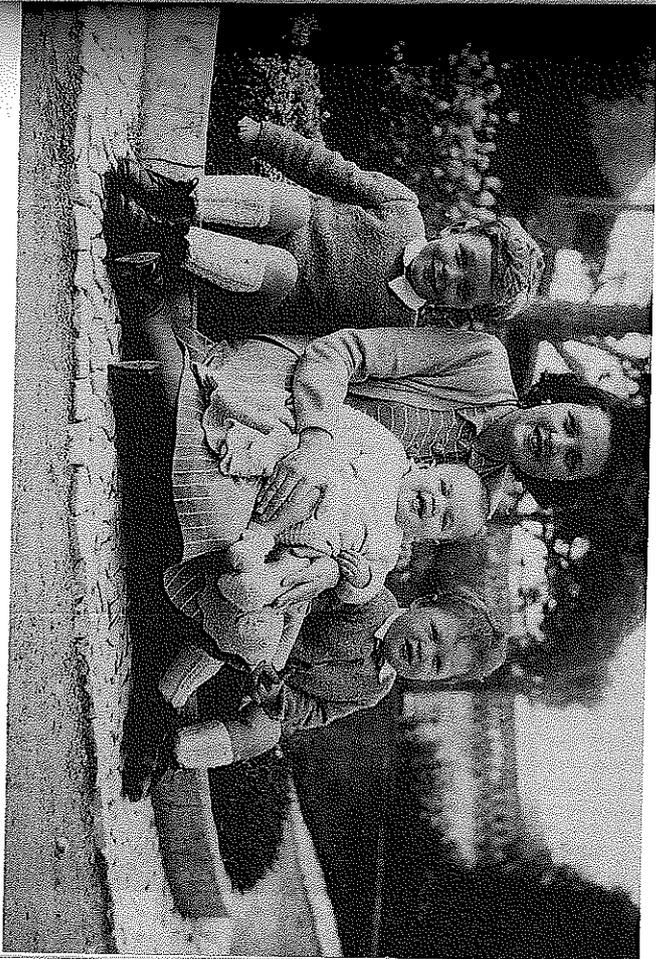
Nunca houve na minha casa, nem sequer actualmente, conversas sobre temas pessoais. Falava-se de literatura, pintura ou poesia, nunca de política - porque existem todas as tendências, embora predomine a esquerda - nem de religião, porque esse tema era considerado íntimo e pessoal. Mas, sobretudo, nunca se falava de sentimentos nem de nada que nos afectasse nesse sentido... E isso faz falta, há idades em que é fundamental esse diálogo.

Fazem falta uma mãe e um pai que nos toquem, que expressem os seus sentimentos para conosco e essas «calorias de ternura» de que eu precisava recebidas dos meus avós. Punha a cabeça nos joelhos da minha avó e dizia-lhe: «Venho aqui para que me acaricies.»

Foi assim a minha infância. Tinha de ser o melhor, o mais forte. Se chegava a casa e viam que outro rapaz me tinha batido, o meu pai ficava furioso por não lhe ter respondido. «Era mais velho que eu», protestava. «Morde-lhe os testículos», respondia o meu pai.



Com a mãe.



Com a mãe e os irmãos.



Com a mãe, o avô e a bisavó maternos.

Não sinto que tenha uma grande dívida para com o meu pai ou a minha mãe. Sinto isso.

- No entanto, com a sua mãe tinha bastantes coisas em comum.

- É uma mulher inteligente, mas naquele tempo as mulheres eram completamente anuladas pelos maridos. Não iam à universidade. Dependiam completamente dos pais ou dos maridos. Não se divorciavam, porque as divorciadas eram pouco menos que prostitutas. Tinham vidas muito submetidas e muito tristes. Eram autênticas escravas, e a minha mãe também foi.

- E não tinha com a sua mãe uma relação de confiança?

- Não, o que tinha era uma grande distância. Por exemplo, não se falava de sexo. Com os meus pais não falava de nenhuma das coisas que me interessavam ou me preocupavam. Isso eram coisas íntimas que não abordava com eles. Havia uma distância enorme, uma falta de confiança que eles cultivavam e potenciavam.

Com os meus pais eu falava muito pouco. Agora pode-se falar de algumas coisas, mas quando necessitava de falar com eles não os tinha. A aprendizagem da sexualidade, por exemplo, tudo o que precisava de saber como adolescente descobria com os amigos da escola.

Lembro-me de uma vez, não sei que idade teria, cinco ou seis anos, em que vi dois cães agarrados. Perguntei à minha mãe se as pessoas faziam assim, como os cães... Ela não me respondeu. Ficou muito perturbada com a pergunta.

- E a relação com os seus irmãos?

- Também nunca tive uma discussão com os meus irmãos. Quando éramos pequenos, sim; depois, como adultos, nunca. Não existe com eles uma relação competitiva. Uma vez deram-me um prémio no extremo Norte de Portugal e fiquei muito surpreendido, porque foram todos. E eram horas e horas de carro. Não me dizem nada, mas fazem.

Estou muito orgulhoso deles, porque todos fizeram carreiras interessantes e são muito bons no que fazem. É agradável estar com eles. São inteligentes. Pode-se falar do que se quer com eles, embora continuemos a falar pouco. Não somos pessoas muito comunicativas.

Nos dois últimos verões temos estado juntos na casa da praia, um lugar onde a minha avó e a minha mãe iam quando eram jovens porque diziam que era bom para os pulmões e que agora se converteu num sítio de moda. E tem sido muito agradável estar com eles. Este verão, só da família, juntámos vinte pessoas.

- Freqüentou um colégio religioso?

- Sim. Sou o que em português chamamos um menino de coro. O meu avó António era muito religioso. Levou-me a Itália com sete anos para fazer a primeira comunhão. Era um oficial de cavalaria que fez a revolução monárquica. Esteve na prisão, foi desterrado e teve de começar do zero, do nada.

A sua família era uma família incrivelmente rica do Brasil, da Amazônia. Uma família que possuía uma fortuna imensa e ele teve de voltar a começar do zero, mas fê-lo sem se queixar. Quando morreu tinha dinheiro, claro. Eu gostava de ir comer a sua casa, porque havia sopa, dois pratos.... Em casa dos meus pais jantava-se uma sopa; a mesma sopa do almoço.

Era o meu avó que pagava muitas coisas em casa. A minha mãe sentia-se mal, não creio que fosse muito cómodo para ela viver do dinheiro alheio, mas o meu pai nunca ganhou muito dinheiro e éramos muitos irmãos. Ele não queria dedicar-se à clínica privada, trabalhava apenas no hospital e isso não faz ninguém rico.

O meu avó António era um homem muito bonito, casado com uma alemã de olhos azuis. Era um homem que não gostava de livros porque isso eram «coisas de maricas» e incomodava-o que eu escrevesse. Era católico, conservador, salazarista, reacionário... E era a pessoa mais maravilhosa que conheci na minha vida.

#### Do outro lado do papel

Por vezes, quando estou a escrever, invade-me uma sensação muito curiosa: tenho a impressão de que estou de um lado da parede e que o papel está do outro lado. É uma sensação muito estranha porque é muito real e só me acontece nas primeiras versões dos meus romances.

Depois, paulatinamente, vou-me confundindo, fundo-me com o papel e com a escrita e acabamos por ficar os dois do mesmo lado. Mas essa passagem do desdobraimento para a fusão é tão subterrânea, tão desconhecida para mim mesmo, que tenho a impressão de que talvez não esteja a escrever no papel. Porque ao mesmo tempo a imaginação só trabalha quando se está a escrever. Sei que isto que estou a contar é estranho e difícil de entender, mas tento comunicar uma sensação muito real.

As ideias vêm quando se está a escrever. São as palavras que inventam o texto. Isto é tão claro para mim que não tenho qual-

quer dúvida. É um processo que me ocorreu sobretudo com os últimos romances. É o texto que se constrói independentemente de mim. Tive um professor na Faculdade de Medicina que dizia: «Os doentes melhoram apesar do médico.» E isso acontece muitas vezes com o livro. Porque não se tem planos concretos; começa-se numa direcção e o livro é que nos vai levando para onde ele decide.

Falávamos há pouco do facto de escrever como de um estado de graça... e cada vez o sinto mais assim. Sinto uma grande humildade porque se sabe muito pouco de literatura. Na realidade não se sabe nada, o mundo literário é um mundo terrivelmente complicado.

Penso em Tchekov, nessas obras de teatro nas quais aparentemente não se passava nada... E nelas passa-se tudo.. Ele consegue expressar tudo com a máxima simplicidade e uma extraordinária economia.

É o mesmo que quando se ouve Schubert, Mozart ou Chopin. Há quem componha ou interprete na perfeição melodias difíceis de executar, no entanto, não nos tocam emocionalmente. Podemos reconhecer o seu talento, mas não nos comovemos. Em contrapartida, há outros, como os que referi, que, sem serem tão perfeitos, nos emocionam sempre.

Com os livros, os que aparentemente são mais simples são, afinal, os mais difíceis, o *Quixote*, por exemplo. Cervantes é um dos escritores que me deixa sempre atónito. Sterne, com o seu *Tristram Shandy*, esse romance incrível, é outro deles.

Quando escrevi *Tratado das Paixões da Alma* estava muito contente porque pensava que tinha feito uma descoberta magnífica e definitiva: fazer avançar a acção através do diálogo. Mas depois dei-me conta de que Jane Austen fez isso um século antes de mim. Ao mesmo tempo, isso provoca-me uma sensação de respeito e de humildade.

Por outro lado, sou consciente de que há momentos em que não sou justo comigo mesmo. Eu creio que não tenho nenhum talento e que consegui tudo à custa de um grande esforço, com muito trabalho. Além disso, sou muito lento. Penso que não nasci com talento natural para escrever, como tinha Scott Fitzgerald, por exemplo. A mim, nenhum livro me foi dado, escrevi-os todos com um grande esforço, sempre a corrigir muito. No entanto, também recordei um manuscrito de Cortázar em que, numa página, não havia uma única linha que não tivesse correcções.

Creio de verdade que não tenho talento literário. O que outros conseguem com facilidade eu consigo-o com muito trabalho e o esforço é muito variável. Há dias em que escrevo cinco linhas e outros em que chego a uma página... Há capítulos que me custaram catorze ou quinze dias e capítulos que apenas demonstraram quatro ou cinco. Escrevo todos os dias mas o resultado nunca é o mesmo.